

Duas exposições: Aby Warburg e Marcel Proust



Por **WALNICE NOGUEIRA GALVÃO***

O historiador alemão e o escritor francês em exposições memoráveis

Para levantar os ânimos e insinuar que nem tudo está perdido, chegam ecos de duas exposições fora de série.

Uma delas, na *Haus der Kulturen der Welt*, em Berlim, homenageia Aby Warburg, encampando seu *Bilderatlas Mnemosyne*: a súmula visual, em imagens, de toda uma estética. *Work in progress*, que o autor foi alterando durante toda a vida, acabando por desistir de pôr um fim, é, a bem dizer, uma enciclopédia com 63 painéis negros portando imagens coladas: fotos, desenhos, reproduções, recortes, riscos.

Uma de suas obsessões era a imagem da ninfa, outra a da serpente. Dedicou longas perquirições à mobilidade do panejamento, que segundo seus estudos tinha desertado das artes visuais por influência da iconografia cristã, hirta e hierática, só reaparecendo no Renascimento: Boticelli é um grande exemplo. Postulava que tais imagens percorriam a história da humanidade e as civilizações, formando um estoque a que artistas de qualquer época podiam recorrer.

A exposição gerou muitos subprodutos, inclusive um tour virtual em 3D. Quem estiver interessado pode procurar os podcasts e vídeos variados, com depoimentos dos curadores e de outros críticos. Foi posto à venda um álbum com reprodução fotográfica de todos os painéis e mais estudos, ao preço de duzentos euros.

Como se sabe, o pesquisador em boa hora transferiu-se para Londres, comboiando todo o seu acervo, inclusive uma biblioteca de 60 mil volumes, em troca da fundação do Instituto Aby Warburg, que ainda lá está hoje em dia e recebe alunos.

A propósito, houve outra exposição no Reina Sofia, em Madri, ostentando o provocador título de *Atlas – Como levar o mundo nas costas?*, com curadoria de um perito e fã como Georges Didi-Huberman.

Já quanto a Marcel Proust, a iniciativa da nova exposição coube ao Museu Carnavalet de história da cidade de Paris, tradicional abrigo dos despojos de sua vida e obra. A exposição se intitula *Marcel Proust – Um roman parisien*, título muito justo para quem nasceu e morreu em Paris, com eventuais jornadas ao balneário de Trouville ou à casa de Tante Léonie em (hoje) Iliers-Combray, que preserva sua outra cama. Ele raramente transpôs as fronteiras de seu país, assim mesmo nunca se afastando muito.

Proust, como se sabe, viveu intensamente seu tempo e sua cidade, produzindo uma verdadeira radiografia dos percalços históricos que a atravessaram, como o Caso Dreyfus.

Em busca do tempo perdido, na edição canônica em oito volumes, por muitos eleito o melhor romance já escrito, ocupou toda a vida do autor. Na fase final, escrevia deitado e acalentando sua asma com fumigações, num quarto forrado de cortiça para abafar os sons da rua, que vinham estorvar sua inspiração. É uma verdadeira crônica daqueles anos na então “capital do século XIX”, no dizer de Walter Benjamin. Concentra-se na análise da classe dominante, mostrando fascínio pelos aristocratas e burgueses ricos, e especialmente por seu requintado trem de vida.

Tal era o perfeccionismo do autor, que se tornou o terror dos editores, corrigindo sem cessar seus próprios manuscritos, mas também as provas gráficas e até os livros já impressos. Não contente em adicionar emendas com letra miúda, nas margens e mesmo no verso, ainda recortava e colava nas páginas as tiras a que chamava de “paperolles”.

Seu próprio quarto de dormir – o último – está sob a guarda do Museu Carnavalet há tempos e agora constitui o foco central da mostra. Mas o precioso quarto está cercado de outros objetos auráticos: pinturas e esculturas, livros e cadernos, apetrechos de escrita, utensílios de toalete e de conforto pessoal etc.

Na capa do catálogo entroniza-se seu mais reputado retrato, que o acompanhou até a morte, devido aos pinceis de Jacques-Emile Blanche. O modelo, altamente estilizado, aparece em trajes de gala e com uma orquídea na botoeira. Visto frontalmente, na face pálida sobressaem os magníficos “olhos de príncipe persa”, como diziam à época, as manchas brancas do rosto e do plastron contrastando com o negror do fraque. O catálogo está esgotado, mas uma reedição é aguardada.

***Walnice Nogueira Galvão** é Professora Emérita da FFLCH da USP. Autora, entre outros livros, de *Lendo e relendo (Senac/Ouro sobre azul)*.

A Terra é Redonda